

ASPECTOS FONÉTICOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL: PLURALIDADE DE NORMAS

Dinah Callou
João A. Moraes
Yonne Leite
UFRJ/CNPq

Introdução

País dotado de vasta extensão territorial, com uma história de ocupação populacional diversificada e complexa, o falar brasileiro, apesar de sua relativa uniformidade, apresenta variações facilmente identificáveis como pertencentes a subfalares específicos.

Várias foram as tentativas de traçar áreas dialetais que traduzissem essas variações, entre as quais podemos citar a de Julio Ribeiro, a de João Ribeiro, e a de Rodolfo Garcia.

Sem dúvida a mais conhecida, elaborada com base em observações *in loco*, é a de Antenor Nascentes (1953). Os critérios classificatórios, porém, não estão totalmente explicitados.

Nascentes baseia a grande linha divisória entre os falares brasileiros na existência de vogais pretônicas médias abertas ao norte e fechadas ao sul. Os subfalares do norte são dois: o Amazônico (Acre, Amazonas, Pará, e parte de Goiás), o nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás). Os subfalares do sul são quatro: o baiano (intermediário entre os dois grupos e abrangendo Sergipe, Bahia, norte, nordeste, noroeste de Minas Gerais); o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, leste e zona da mata de Minas Gerais); o mineiro (centro, oeste e parte leste de Minas Gerais); o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio

Grande do Sul, triângulo e sul de Minas Gerais, sul de Goiás e Mato Grosso).

Tendo em vista a extensão territorial do País, essas classificações não puderam naturalmente ser fruto de estudos intensivos e sistemáticos. São bastante impressionísticas, resultado de observações parciais e de esforços, na maioria das vezes, individuais.

O trabalho que ora submetemos é continuação da Comunicação *Para uma nova dialectologia: a realização do S e do R posvocálicos no português do Brasil*, apresentada no Congresso Internacional sobre o Português, realizado em Lisboa de 11 a 15 de abril de 1994.

É mais uma tentativa de utilizar os resultados provenientes de estudos sobre variação fonética, feitos segundo a metodologia laboviana, para o estabelecimento de critérios lingüísticos que ajudem a traçar isófonas delimitativas de áreas dialetais e a estabelecer padrões de uso.

Os dados utilizados são do *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), oriundo de cinco capitais brasileiras, consideradas centros irradiadores de cultura e de normas de uso, a saber, Recife (RE), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA). Correspondem *grosso modo* às regiões geográficas sul (Porto Alegre), sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro) e o nordeste (Recife e Salvador). Os inquéritos foram gravados com falantes do sexo masculino e feminino, com 3 faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante).

A pesquisa sobre variação fonética é parte integrante do Projeto Gramática do Português Falado, coordenado nacionalmente por Ataliba Teixeira de Castilho.

Em primeiro lugar retomaremos os dados relativos à variação dos fonemas S e R em posição de coda silábica, a eles acrescentando os resultados da pesquisa sobre as variações do L na mesma posição e as do abaixamento das vogais átonas finais.

Os dados aqui apresentados para o R, S e L foram retirados de 30 inquéritos do tipo diálogo entre entrevistador e interlocutor, das cinco capitais, um homem e uma mulher em cada faixa etária. Foram analisadas 4334 ocorrências de R, 9026 de S e 2595 de L. Na pesquisa sobre as vogais átonas foram utilizados apenas dados de falantes masculinos, tendo sendo mensuradas 1350 ocorrências de vogais em posição postônica.

A Isófono Do R

Em posição de coda silábica, o fonema R apresenta um elevado grau de polimorfismo, realizando-se como vibrante apical múltipla, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa laringea (aspiração), vibrante apical simples, aproximante retroflexa e zero fonético.

A figura 1 apresenta as realizações do R sem levar em conta sua posição final ou medial no vocábulo.

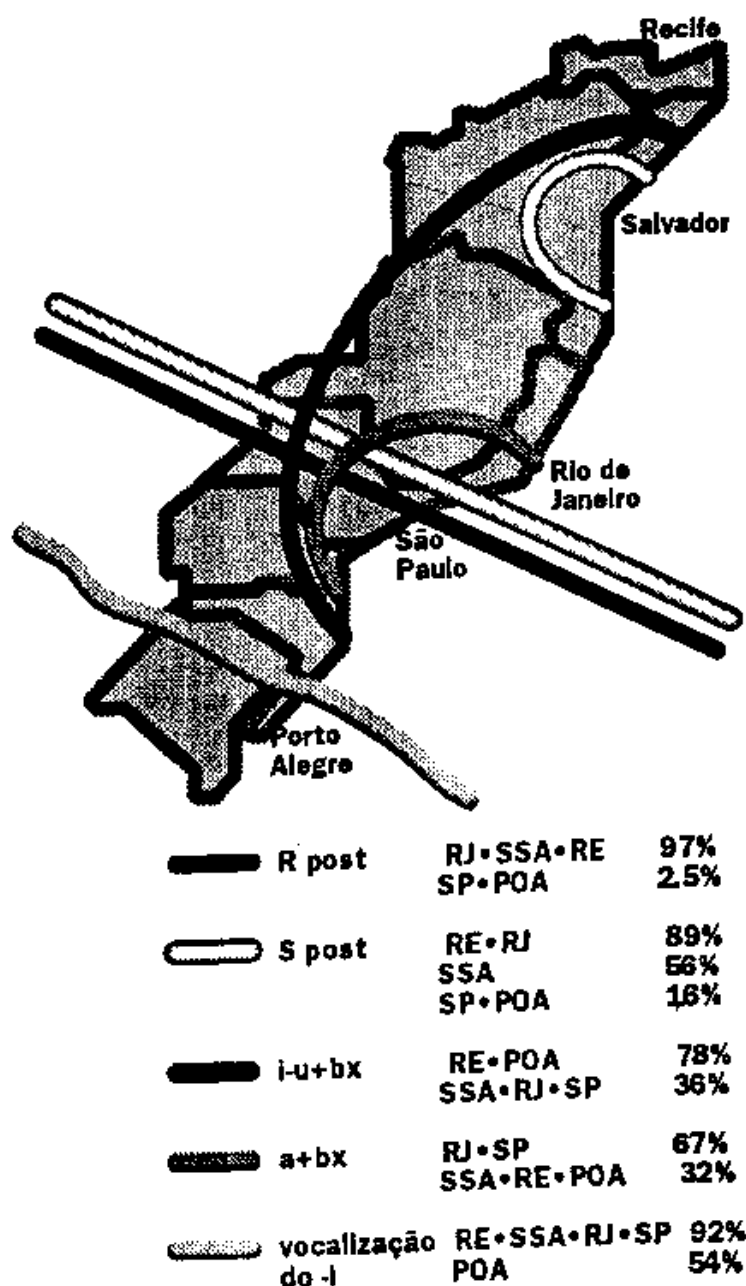


Figura 1 – Isófonas delimitadoras dos dialetos

Por esse gráfico, vê-se que São Paulo e Porto Alegre opõem-se nitidamente a Rio de Janeiro, Salvador e Recife nos índices de frequência das variantes. Em São Paulo e e Porto Alegre, a vibrante simples apresenta percentuais muito próximos: 62% e 68%. No Rio de Janeiro, Salvador e Recife a variante quase não ocorre. No que tange à fricativa velar, São Paulo e Porto Alegre apresentam um índice muito baixo de ocorrência. No Rio de Janeiro e Salvador é essa a realização mais frequente: 39%. Em Recife esse percentual baixa para 28%. Por outro lado, em relação à fricativa aspirada, variante ausente em São Paulo, e com percentual de 1% em Porto Alegre, é em Recife que se encontra o índice mais alto 38%, enquanto Rio de Janeiro e Salvador tem 23% e 25%, respectivamente.

A diferença entre as duas áreas fica ainda mais nítida se considerarmos apenas o contexto de sílaba não-final em interior de vocábulo e opusermos realização anterior a realização posterior como se pode ver na Tabela I em que se apresentam os percentuais de posteriorização do R na posição medial.

Tabela I: Posteriorização do R

RE	97%
SSA	99%
RJ	94%
SP	1%
POA	4%

Os resultados acima permitem traçar uma linha divisória que separa São Paulo e Porto Alegre do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, os primeiros privilegiando as variantes apicais e os segundos, as variantes posteriores (vide figura 4).

A Isófono Do S

O fonema sibilante S tem quatro variantes: fricativa alveolar, fricativa pós-alveolar, fricativa faríngea (aspiração) e zero fonético.

A distribuição das quatro variantes do S nas cinco capitais, sem levar em conta a posição da sílaba no vocábulo, se encontra na figura 2. Como se pode ver São Paulo e Porto Alegre apresentam uma distribuição das variantes praticamente idêntica, com predomínio quase

absoluto da realização alveolar: São Paulo 90% e Porto Alegre 86%. No Rio de Janeiro, por outro lado, predomina a realização palatal (82,5%), comportando-se Recife de forma semelhante, embora com percentual mais baixo de palatalização (69,5%). Salvador, por sua vez, apresenta uma distribuição homogênea das duas variantes (45% de alveolar *versus* 44% de palatal).

Observa-se, portanto, mais uma vez, uma oposição sul/norte, caracterizando-se a primeira dessas regiões pela não-palatalização. A região norte, entretanto, não apresenta comportamento homogêneo: de um lado Recife e Rio de Janeiro ostentam um elevado grau de palatalização 69% e 82%, enquanto que, em Salvador, esse percentual abaixa 44%.

Ao discriminarmos os contextos medial e final, observamos uma tendência consistente no sentido da palatalização em posição medial em relação a final. Assim, há um aumento dos percentuais de palatalização de 5% a 9% em São Paulo, de 3% a 23% em Porto Alegre, de 75% a 90% no Rio de Janeiro, de 32% a 56% em Salvador e de 55% a 84% em Recife.

Esses dados corroboram em parte a divisão de áreas lingüísticas proposta por Nascentes, que admite um falar baiano por oposição aos falares nordestino, sulista e fluminense.

A tabela II mostra na posição medial a gradação da palatalização

Tabela II: Palatalização do S

SP	9%
POA	23%
SSA	56%
RE	84%
RJ	90%

Assim podemos traçar uma isófona que separa Porto Alegre e São Paulo do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A maior aproximação entre Rio de Janeiro e Recife é assinalada pela circunscrição de Salvador (vide figura 4).

A Isófono Do L

O fonema lateral em coda silábica L tem as seguintes realizações fonéticas: lateral alveolar, lateral velarizado, semivogal e zero fonético.

A distribuição das quatro variantes do L nas cinco capitais, sem levar em conta a posição da sílaba no vocábulo, mostrou que predomina em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife a realização vocalizada. Porto Alegre se distingue das demais cidades por apresentar maior incidência de realizações velares e alveolares, sendo a realização alveolar praticamente exclusiva desta capital.

Ao discriminarmos o contexto medial (Tabela IV) a diferenciação entre Porto Alegre e as demais cidades fica bastante nítida.

Tabela IV: Vocalização do L

Região	%
POA	54
SP	86
RJ	88
SSA	92
RE	90

Pode-se assim traçar uma isófono que separa Porto Alegre das demais capitais. (vide figura 4).

As isófonas das vogais postônicas

O estudo das vogais postônicas utilizou os dados fornecidos pela análise acústica feita com o programa ILS. A análise variacionista, feita com o programa VARBRUL, indicou a região de origem do informante como o grupo de fator mais significativo para as três vogais, [i], [a] e [u]. Os percentuais relativos ao abaixamento dessas vogais são diferenciados conforme se pode ver na tabela V.

Tabela V. Abaixamento das vogais postônicas

	[i]	[a]	[u]
RE	93%	36%	89%
SSA	28%	28%	35%
RJ	30%	73%	56%
SP	29%	62%	40%
POA	69%	31%	62%

Considerando-se uma regra de abaixamento das postônicas, poderemos aduzir comportamentos semelhantes das vogais altas em Recife e Porto Alegre, no sentido de maior probabilidade de abaixamento, contrastando com São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro apresentam uma tendência no sentido oposto. O Rio de Janeiro, no caso do [u], ocupa uma posição intermediária, com 56% de abaixamento.

Em relação à vogal /a/, essas áreas já não são coincidentes, Rio de Janeiro e São Paulo, com um maior índice de abaixamento opondo-se nitidamente às outras três cidades.

Observe-se que Salvador é que apresenta um comportamento mais sistemático com relação às três vogais: é o dialeto em que a pronúncia das vogais finais é sempre a menos baixa. Já Rio de Janeiro e São Paulo têm um percentual médio de abaixamento das vogais altas, delineando um comportamento oposto em relação à vogal baixa, com um percentual de abaixamento de 73% e 62% respectivamente.

Podemos, assim, traçar duas isófonas uma não-contínua, referente às vogais altas que agrupa por um lado Porto Alegre e Recife e outra que reúne São Paulo e Rio de Janeiro, com índices menores. Salvador, mais uma vez, ocupa uma posição intermediária. Outra isófona – a vogal /a/ – opõe Rio de Janeiro e São Paulo a Recife, Salvador e Porto Alegre, essas com um menor índice de abaixamento (vide figura 4).

Conclusões

Os fenômenos aqui examinados não foram selecionados aleatoriamente.

A variação que apresentam e as possibilidades de escolha são intuitivamente percebidas como características dialetais. É bem conhecida a proposta de Mattoso Camara (1953) para as vogais átonas

finais. Ele estipula nessa posição dois arquifonemas um, resultante da neutralização das 3 vogais anteriores e outro, da neutralização das vogais posteriores arredondadas.

A realização desses arquifonemas como vogais mais altas ou menos altas é determinada dialetalmente, as menos altas sendo características dos dialetos sulinos. O que não se esperava é o comportamento igual, do ponto de vista acústico, de Porto Alegre e Recife.

Esses fatos demonstram a complexidade de se estabelecer uma correspondência entre os fenômenos fonéticos e as áreas dialetais. Cada processo deve ser visto separadamente, uma vez que a escalaridade de cada fenômeno não se sobrepõe *pari passu* a uma continuidade geográfica. Antes nos parece que cada dialeto tem uma combinação própria de atualização de regras.

Observe-se que nenhuma variante é privativa de um determinado dialeto. Quase todas as variantes ocorrem em cada um dos dialetos. O que os diferencia é o maior ou menor percentual de realizações e a combinação das variantes mais frequentes.

Por isso é praticamente impossível se estabelecer uma norma para o português falado no Brasil, pois o que existe realmente é uma pluralidade de normas.

Referências

- CAMARA JR, J. Mattoso (1953). *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Simões.
- NASCENTES, Antenor (1953). *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.